A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II - NUMERO 86 | PREÇO AVULSO 1 ESCUDO | 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS • ACTUALIDADES GRAFICAS • TEATROS SPORTS • AVENTURAS — CONSULTORIOS • UTILIDADES

(Composição excl. de «O Domingo».)

O pânico do pôvo na cidade da Horta

Após o primeiro grande abalo, o pôvo fugiu da Egreja da Encarnação, cuja torre ainda erguida se vê á esquerda, e procurou uma pequena capela onde o sacerdote implora a piedade divina. Mortos e feridos juncam o chão da linda terra portuguesa.

O DOMINGO ilustrado

ANO II — N.º 86

LISBOA 5 DE SETEMBRO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

questão prévia

QUANDO a vida era alegre e a religião amavel, quando a morte não apavorava como o limiar duma nova vida de misterio e sofrimento e quando Socrates, para beber a sua cicuta penal, convidava amigos e conhecidos, como se se tratasse dum chá das cinco, nesse tempo recuado, que talvez não tivesse sido como nós o imaginamos, o mês de Setembro deveria ser um mês glorioso do paganismo.

Nos bosques já luminosos, ao primeiro alvôr, os passaros despertariam sob as ramadas ainda deusas e sacudindo do pelo caprino o orvalho gelado da madrugada, correriam com pé ligeiro até ao arroio proximo, para a grande toilette matinal.

Era a hora fresca em que as ninfas, desembrulhando-se das fôfas neblinas, estiravam, preguiçosas, os lindos braços, nus e frios de deusas da agua. De chofre, um grande baque no espelho do regato abre circulos concentricos que se alargam cada vez mais e do meio surge, ironica e angulosa, a cabeça dum fauno, escorrendo agua das agudas orelhas, dos retorcidos cornos e agua e riso e sensualidade da bôca fendida em foice, a que a pera de bode dá uma expressão de intradutivel exotismo.

Com gritinhos de ave assustada debandam as ninfas, levando ainda a defender-lhes a nudez uns farrapitos de neblina que o primeiro beijo do sol desfaz.

No bosque umbroso, varando a frescura ligeiramente arrepiada da manhã, soam as recurvas trompas de caça. E' Diana que passa no seu alto carro, bela e seria, perseguindo as gazelas ageis, que os seus cães, mais velozes que os Zefiros, em breve alcançam e dominam.

Porque á castidade de Diana repugnam as bregeirices de faunos e ninfas, por um momento se deteem na carreira as ninfas que fogem e os faunos que perseguem, mas logo por entre os grossos troncos que os escondem a perseguição continua risonha, gritada, excitante.

Na grande clareira do bosque sagrado Baco deixou o seu cartão de visita e na fria areia do sólo crescem e se carregam de cachos as vinhas de esmeralda e ametista, que dão os frescos e delgados vinhos que alegram o entendimento e tornam doce o coração. Silenosinhos vorazes vão, como abelhas, dum a outro cacho sugar o mosto cru dos bagos de ouro e tombam bebedos, cheios do sol liquido que é o sangue das cêpas, emquanto as ninfas, rendidas de amor e fadiga, se deixam cair tambem por terra, e com os olhos cerrados, sorvem o nectar que escorre dos cachos esmagados entre as mãos peladas dos faunos e que gota a gota lhes cai nos labios, que a fadiga faz tremulos e mais rubros.

Assim eu imagino o Setembro dos tempos miticos, quando as ninfas não fugiam guiando Citroens, os faunos não bebiam aguas minerais e Diana não usava, em vez de certeira seta, uma espingarda de dois canos e fogo central e quando, principalmente, Setembro não era o mês horrivel dos banhos de mar.

Feliciano Santos

Ecos e Comentarios

Nossa Senhora da Alimentação

Os jornalistas portugueses — por iniciativa dum dos seus colegas mais brilhantes—não querendo ficar atraz dos nossos bravos aviadores que elegeram Nossa Senhora do Ar sua padroeira—mas sabendo muito bem que se não vive do Ar—e tendo ultimamente sido farta e lautamente obsequiados em varias estancias termais, resolveram instituir uma confraria sob a auspiciosa protecção de Nossa Senhora da Alimentação. A Gruta Sagrada é na Curia. Os versos não são de Silva Tavares. Quando muito, serão ou do «Silva» ou do «Tavares».

Figueira da Foz

A convite da Direcção do Casino Peninsular e da Comissão de Propaganda e Turismo da Figueira, fomos no passado domingo almoçar á grande e formosissima praia do Norte.

A propaganda da Figueira, como centro de turismo e de estancia de verão, precisa de fazer-se, porque é realmente a Figueira a nossa praia unica com algum aspecto internacional.

Já pela afluencia de espanhois, já pela sociedade elegante do norte que a procura, a Figueira tende a progredir—e é mister confessar que em pouco tempo muito ali se tem feito.

Antigo socego

Havia uma rua muito tranquila no bairro da Estrela. Nunca se ouvia ali barulho.

Em Janeiro, nas noites brancas de luar miavam os gatos. Em Setembro, nas manhãs, doiradas do principio de outono, os canarios das costureiras cantavam—e eram estes os unicos ruidos publicos da tranquila travessa.

Mas construiu-se ali uma garage de recolha de automoveis. Agora, desde que o sol nasce até que nasce outra vez, isto é, sempre, o ruido é de ensurdeser. Guardam-se ali centenas de carro.

Toda a noite e todo o dia passam automoveis, a businar doidamente, que entram e saem de casa. Como a travessa faz um cotovelo, como prevenção os carros tocam á esquina da rua. Não se pode pregar olho.

Como não ha horarios e se transita a toda a hora, é ininterrupto o barulho de noite e de dia. Haverá, entre nós, alguma lei, em nome da qual a comodidade dos cidadãos se defenda?

O que é um facto é que os predios visinhos da dita garage sofreram uma desvalorização quasi total pela vida tornada impossivel dentro deles.

Um lapso

Decerto por lapso, nalgumas revistas do ano, agora em scena, se fazem referencias ao cigarro do Azilado, esquecendo-se o nome de *O Domingo ilustrado*, o que representaria uma ingratidão se a falta fosse propositada.

Pequenino embora, *O Domingo* é que teve a ideia de proteger os pobres azilados, e a expansão enorme de *O Diario de Lisboa*, sob a bela orientação de Alvaro de Andrade neste caso, soube popularisar e chamar sobre o assunto o interesse publico. E' mais um exito de *O Diario de Lisboa*, a que do coração estamo ligados.

Henrique Roldão

Por telegrama enviado do Rio pelo nosso querido camarada de trabalho é esperado em Lisboa, no dia 10 de corrente, o chefe da redacção de *O Domingo ilustrado*, e ilustre escritor Henrique Roldão.

Coisas da vida

O sorridente espectador da vida portuguesa pode sempre registar no seu caderno de apontamentos intimas coisas curiosas acerca da nossa vida publica.

O sr. Alvaro de Castro, que nós vimos no ministerio da guerra a cumprimentar os triunfadores de 28 de Maio, horas depois da victoria, chegou a estar preso ás ordens do governo militar, nos primeiros dias da actual situação—o que não impede que o Sr. Alvaro de Castro seja o novo Alto Comissario de Moçambique—cargo da maior confiança do governo.

O Sr. Cunha Leal renunciou a todos os seus cargos publicos e declarou se—fora de toda a vida oficial, ao desabrochar da alvorada militar—o que não impede que seja o novo governador do novo Banco de Angola. Coisas da vida, afinal...

Silva Nogueira

O brilhante «cliché» de Ilda Stichini que ilustrou o nosso ultimo numero era da autoria do ilustre fotografo Sr. Silva Nogueira, proprietario da bem conhecida Fotografia Brazil.

A grande catastrofe

A Direcção do Casa-Pia Atletico Club a quem a Herta dispensou um carinhoso acolhimento quando da sua visita aos Açores, resolveu tomar a iniciativa de organisar o «Dia do Faial», procurando obter a realisação nesse dia de dois ou tres encontros de foot-ball, cuja receita reverterá a favor das vitimas da catastrofe.

E' pois provavel que nessa grande manifestação de solidariedade tome parte o Maritimo, do Funchal e alguns dos mais importantes clubs de Lisboa.

Para que a sua iniciativa seja coroada de exito, conta o Casa-Pia Atletico Club com o auxilio de toda a Imprensa, e de todos quantos no seu coração de portuguezes foram atingidos moralmente pelo cataclismo que atingiu os Açores. «O Domingo ilustrado» está de alma e coração com o popular club footbalista.

Imprensa e Teatro

Duas companhias de teatro de Lisboa concedem já a entrada nos seus espectaculos aos portadores da carteira de jornalista e caso curioso, são presentemente as que estão ganhando dinheiro. A verdade é que estas são as «borlas» de mais seguro rendimento que uma empreza pode dar. O profissional de Imprensa é sempre um individuo de multiplas relações dando-se com milhares de pessoas; a sua propaganda verbal é a melhor. Isto para apontar apenas uma vantagem, que ha mais...

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Má língua

JEJUM

E' sexta-feira e, vejam lá que dança:
—Não tenho assunto, sinto-me sem graça,
o Taço foi-se embora para França
e a Má-Lingua é preciso que se faça.

Conclue-se d'aqui que é um canudo
a exportação de quem possue valor,
e que, se ser papá é já bicudo,
irem p'ra lá meninos é peor...

Depois, devido ao exito alcançado
p'lo «Cabaz de Morangos»,—sem cessar
chegam amigos, sou felicitado,
e assim é impossivel versejar.

Inda por cima faltam-me cigarros:
as ideias confundem-se em ciclone,
e a insistencia do Leitão de Barros
retine, brada, vibra ao telefone.

Oh! Senhor,—que semana sem assunto!
Que tremenda e medonha sexta-feira!..
Eu bem quero; eu bem puxo p'lo bestunto
mas dos puxos não sai senão asneira.

De modo que o melhor é desistir.
De certo ninguem está p'ra me aturar
e, já que não consigo fazer rir,
não ha direito de fazer chorar.

Proponho-vos, contudo, p'ra que enfim
qualquer coisa de bom resulte disto,
uma ideia das grandes, quanto a mim
e que vae agradar ao Homem Cristo.

E' ela que se apague duma vez
a ponta do Cigarro do Azilado,
e se acenda no Povo Portuguez
o culto do «Charuto do Exilado».

SILVA TAVARES

HORARIO

—Mas porque é queres vender as tuas camisas de noite?
—E' que eu agora arranjei um emprego de guarda-noturno e durmo de dia...

AMEAÇA INUTIL

—Maria, se alguma vez a apanho com um vestido meu posto, despeça-a!

PREVENÇÃO

—Tenho a certeza que você é um gatuno...
—Não grite!...
—Não ha perigo, quero apenas que sejas meu socio...

DELIRIO

O DOENTE:—Mas onde estou eu? No Paraiso?
A ESPOSA:—Meu filho, deliras, não vês que estou a teu lado!

O DOMINGO ilustrado

HUMORISMO

Crónica alegre

BANHOS & BANHAS

IMPRESSÕES DA PRAIA OU PRAIA DAS IMPRESSÕES

Sofrendo duma pertinaz falta de sal organico, como os leitores teem percebido pelas anteriores cronicas, o nosso nunca suficientemente brilhante colaborador Xisto Junior foi aconselhado pelos medicos a tomar banhos de agua salgada. Nutrindo pelo mar um respeito que lhe não permitia afrontar as glaucas ondas com a imersão da sua plastica (que está longe de ser a de Apolo ou mesmo a duma corista do Maria Victoria), o nosso querido amigo pensou em substituir os banhos do mar por semicupios de agua das Pedras Salgadas, mas a medicina foi inexoravel, recusando a substituição, e o nosso jamais bastantemente celebrado colaborador teve de espraiar-se. Da praia onde se encontra, dentro dum fato de banho, é que Xisto Junior nos envia as impressões que seguem:

LODAÇAL DO VICIO, 25 de Agosto—Cheguei, vi e venci a resistencia do proprietario do Grande Hotel Lodaçalista, que queria por força que eu, por estar instalado no bilhar, pagasse o meu aposento á hora. Estando tudo pela hora da morte, imaginem os meus amigos por quanto me ficava a hora do bilhar. Convencido de que eu, para dormir, não me utilisava das bolas ou dos tacos e que nem sequer gastava giz, o proprietario concedeu que eu pagasse á semana, aplicando-me, porem, quatro vezes o preço da tabela, visto o bilhar ter quatro tabelas.

Depois de tomar um café com leite, em que estes dois ingredientes mutuamente se acusavam de não serem puros, fui até á praia fazer a minha apresentação.

Encontrei logo um velho desconhecido que, tratando-me por tu, me informou das distracções da praia. De manhã, joga-se o prego com as meninas, debaixo dos toldos, na praia. A' tarde, joga-se outra vez o prego e, quem a tiver, pode tambem jogar uma ou outra piada ao proximo. A' noite, no Casino, joga-se uma batotinha amena, sob a triplice forma esfolativa de monte, roleta e banca francesa, tudo isto entre amigos e em casa de cada um, porque —explica-me o velho desconhecido— não ha banqueiros e nem sequer ha Casino.

Parece-me que a unica coisa que aqui ha é muito pouca vergonha, mas como sem isso e sem areia não ha praias possiveis, resigno-me e trato de cumprir um outro dever social do banhista, que é deitar-me á sombra dum toldo e fingir que scismo, olhando o mar.

Estava eu nessa postura, pensando que realmente o nome desta praia lhe estava mesmo a caracter, porque a maré quando baixa é para todos e porque aqui só se pensa no vicio do

jogo, quando fui abordado por um grupo de meninos de ambos os sexos, armado dum reluzente prego, que me convidou a fazer uma partida. Eu, como não gosto de fazer partidas a ninguem, acedi e lá fomos todos para o prego.

Escusado será dizer-lhes que, por sorte ou por mais habilidoso, fui eu quem espetou mais vezes, ganhando a partida. Foi a primeira vez que me aconteceu ganhar alguma coisa com o prego.

LODAÇAL DO VICIO, 27 de Agosto.—Tomei ontem o meu primeiro banho. Afinal, tomar banho, se é mais dificil que tomar um capilé, todavia é bem mais facil do que tomar Lisboa aos mouros.

Os serviços fluviais e maritimos estão aqui muito bem montados. Imaginem vocês, rapazes, que aqui ha maré cheia sempre que a gente queira tomar o seu banho.

O processo é muito simples: quando a maré está vazia e aparecem banhistas de consideração, mandam-se avançar umas dez senhoras gordas, disfarçadas de mamãs e de sogras, e á medida que elas vão entrando na agua a maré sobe, deslocada pelo volume das criaturas e das flanelas que as envolvem.

Estas senhoras vencem ordenado e melhorias pelo Ministerio do Comercio ou da Marinha; não sei ao certo.

* * *

Ontem, á noite, estavamos no Casino (que, afinal, é em casa duma familia que tem varias meninas vagas e um piano dotado dos piores instintos), quando fomos surpreendidos por aflitivos gritos de creança, que partiam do andar superior e partiam o coração de quem os ouvia. Corremos, absolutamente solicitos, ao encontro da tragedia, e o que então deparámos não se descreve sem que delicadamente se ponham em pé todos os cabelos, por mais cortados *á garçonne* que sejam.

Deitada sobre um leito improvisado com caixas de gazolina e môchos da cosinha, estava uma pobre criança, filha dos donos do Casino, apresentando um aspecto horroroso. A infeliz menina não tinha á vista parte do corpo que não apresentasse evidentes sinais de mordeduras, que sangravam.

Supuzemos, primeiro, que se tratava dalgum cão danado, especie de animal que constitui um dos divertimentos desta encantadora estancia, mas procurado o bicho em todos os aposentos, não foi encontrado, do que concluimos que deveria tratar-se duma fera no genero do falecido lobo da Serra de Sintra, pela forma misteriosa porque mordia e se raspava.

Já o correspondente do «Diario de Noticias» tomava algumas notas para o seu jornal, quando a criada da casa esclareceu o assunto:

—Isto é mas é dos percevejos.

Com efeito verificou-se que todo o leito fôra invadido por esses anfibios (assim chamados por viverem tanto dos homens como das mulheres), estando as caixas de gazolina transformadas em caixas de percevejos, o que foi verificado pelo Alves da papelaria, na qualidade de tecnico vendedor de percevejos metalicos.

Levada em braços ao posto, por sinal bem mal posto, de socorros, a po-

bre menina, alem da operação do trepano, teve de sujeitar-se a uma transfusão de sangue, que foi levada a efeito com muito exito, sendo o sangue substituido por capilé, generosamente oferecido por algumas pessoas presentes.

LODAÇAL DO VICIO, 30 de Agosto.—Ha dois dias que nesta praia é impossivel tomar banhos por falta de banhas. Seis das dez senhoras gordas que faziam subir a maré encontram-se impedidas de mergulhar por motivos varios, que vão desde a constipação pura e simples até ao luto familiar.

Foram pedidas providencias ao governo, que prometeu enviar todas as senhoras gordas na disponibilidade desde que elas se subordinem ao horario dos funcionarios publicos e entrem no mar ás 11 e um quarto e só saiam ás 5 da tarde.

Meus amigos, termino por hoje estas minhas impressões, aliás bastante digitais, com uma boa noticia, que peço transmitam aos vossos leitores.

Esta praia vai ser dotada com um grande melhoramento: Vasconcelos e Sá, o «az» dos cronistas mundanos, prometeu vir aqui uma vez por semana «lembrar-se de ter visto entre outras pessoas» — ou seja fazer cronica elegante desta estancia.

XISTO JUNIOR

SOFISMA

—Baptista, encontrei no seu quarto a carteira do patrão.
—Como estou contente! Ele julgava que tinha sido roubado...

POETAS SATIRICOS—NOVELISTAS E PARODISTAS E ROMANTICOS E ULTRA-ROMANTICOS—antologia organisada por Nuno Catarino Cardoso.

Este senhor Catarino Cardoso especialisou-se em antologias, em antologias que não são nenhuma especialidade... Brinca, brincando, já organisou sete. Tem um fraco pelos resumos e pelas enfiadas de nomes

Falta-lhe metodo e espirito crtico. Confunde valores. Foi pena não se dedicair á simples bibliografia. No entanto e apesar de tudo, merece louvores, pelo seu esforço honesto e desinteressado. O volume que tenho presente—e que, por sinal, contem duas obras perfeitamente distintas e até com distinta paginação—ressente-se dos defeitos que apontei, mas resgata-os um pouco pelo facto de chamar a atenção para alguns poetas menores, que não merecem um completo olvido.

CANTIGAS DUM LUSIADA – por Eduardo Salgueiro.

Um punhado de quadras, muito iguais e certinhas, como as perolas dum colar, dum colar, de perolas falsas mas bonitas, quasi tão bonitas como as verdadeiras... Chamo-lhes perolas falsas, não por não terem valor (todos sabem como estão caras as boas imitações!), mas porque são das que parecem estar ao alcance de todos, de todos os corações, pelo menos. O que á primeira vista poderia ter o aspecto duma restrição ao justo aplauso que merecem as «Cantigas dum Luziada» é, portanto um simples elogio.

Foi com progressiva atenção que fui lendo as quadras serenas e limpidas que o sr. Eduardo Salgueiro publicou numa edição maneirinha e cuidada.

Tereza LEITÃO DE BARROS

CLASSIFICAÇÃO

—Qual foi o estupido que se enamorou de ti antes do nosso casamento?
—Foi o imbecil que se casou comigo!

Curiosidades

COMO E QUANDO NASCEU A HORA

PARA os nossos primeiros avós, para os primeiros homens, semi-homens' semi-orangotangos, de cajado e de peles á cinta, a unica divisão do tempo era a que o sol impunha: dia e noite. Para eles, o tempo ainda não era dinheiro. E que fosse... para que precisariam eles de dinheiro? Ao nascer do sol, começava o dia; caçavam e pescavam. Depois, não esperávam a hora do almoço ou do jantar; esperavam a hora de ter fome, o que era muito mais simples.

Mas, com a continuação dos tempos, dando as familias origem ás tribus, estas aos povos e os povos aos estados, o homem começou a ver a brevidade dos seus dias terrenos e a querer medir bem o tempo, para o não gastar á doida. Passou o tempo a ser uma unidade de valor, uma fonte de riqueza para que se tornava urgente achar uma medida.

A altura do sol sobre o horisonte, durante o dia, e a da lua e das estrelas, durante a noite, foram os primeiros pontos de referencia para deduzir a hora. Observando se que a longitude das sombras dos objectos, projectadas pelo sol, diminuia desde o principio do dia até ao meio do dia, e tornava a aumentar desde o meio dia até ao crepusculo vespertino, poude constituir-se o «gnomon» ou relogio solar primitivo. Mas como a longitude e a direcção da sombra variam não só em relação ás diferentes horas do dia como tambem em relação ás varias estações e epocas do ano, acontecia que os primitivos «gnomons», formados por uma pedra em forma de obelisco, só eram uteis para os peritos em questões de astronomia. Numa comedia de Aristófanes, um personagem, marcando uma entrevista a outro, diz: «Encontrar-nos-hemos quando a sombra do «gnomon» medir 10 pés...» E' claro que essa medida estava em harmonia com a epoca do ano em que a acção tinha lugar. Para evitar os erros na interpretação das horas, os governantes gregos e romanos mandaram que os sabios redigissem umas tabuas astronomicas onde se indicavam as longitudes que em cada mez correspondiam á sombra, em relação a cada uma das horas em que então se dividia o dia, de sol a sol. Seguindo o costume chinês, tambem foi unificada, para todas as regiões, a altura dos «gnomons», que devia ser de oito pés.

Do «gnomon» nasceu o quadrante ou relogio solar que, segundo Heródoto, foi inventado pelos babilonios. Em 550 a. C., Anaximandro construiu o primeiro quadrante solar que existiu em Sparta. Roma só teve o primeiro 200 anos antes de Cristo, depois da primeira guerra prussica. Os quadrantes solares tiveram muitos feitios e tamanhos, sendo alguns muito grandes, como os da «Torre dos Ventos», em Atenas, que tinha um relogio solar em cada uma das suas oito fachadas.

Na Idade Media, os quadrantes multiplicaram-se e não houve igreja, edificio publico ou residencia senhorial que não possuisse um. Durante seculos, foram o meio mais pratico de conhecer as horas e os mais aperfeiçoados, raras vezes acusando erros superiores a um minuto. E tanto era assim que, em 1666, a Academia de Sciencias de Paris submetia os primeiros relogios, de primitivos maquinismos, ao «contrôle» do quadrante, de perpetua e serena fidelidade.

Mas tanto o «gnomon» como o quadrante só serviam para medir as horas do dia. Mas para as horas da noite? Durante muito tempo, valeu-se o homem da altura das estrelas.

Os primeiros relogios mecânicos conhecidos foram as «clepsidras» ou relogios de agua, inventados, segundo a tradição, pelo fabuloso Hermes Trimegisto, dos Egipcios. Historicamente, sabe-se que no Egipto, no tempo da decima segunda dinastia, quinze seculos antes de Cristo, se utilizavam já da «clepsidra». As «clepsidras» eram, em geral, muito grandes, para que a agua tivesse a pressão necessaria para o seu funcionamento. A teoria da sua construção era simplicissima e baseava-se na queda de sucessivas gotas de agua, de identico tamanho ou igualmente espaçadas, que iam enchendo, pouco a pouco, um deposito, em cujas paredes estavam marcadas as horas. O nivel do liquido, indicado por um flutuador, marcava a hora do dia correspondente á altura da agua. Os arabes foram mestres na construção destes aparelhos e ficou celebre a «clepsidra» que o califa Harum-Al-Raschid ofereceu a Carlos Magno.

O primeiro relogio de pesos foi construido nos fins do seculo X, por um frade de Aurillac, chamado Gerbert, que mais tarde foi o papa Silvestre II. Devia ser muito imperfeito, pois que só passados seculos aparecem os relogios aperfeiçoados e monumentais, de que é um dos mais tipicos exemplares o da catedral de Strasburgo, cujo primeiro maquinismo data de 1352, que o artifice Schwilgne, em 1842, levou cinco anos a concertar. Até ao seculo XVI, os relogios de peso foram a ultima palavra no progresso. Mas Galileu descobre os principios da lei do pendulo e logo pensa em as aplicar á medição do tempo. No entanto, o problema da aplicação do pendulo á cronometria só foi definitivamente resolvido em 1656, por Huyghens, que, em 1673, divulgou o seu descobrimento no livro intitulado «De horologio oscillatorio». Nuremberg foi a patria dos relogios de algibeira, tão uteis e que, pela sua primitiva forma esferica ou oval, tiveram o nome de «ovos de Nuremberg».

Foi assim que nasceu a Hora, grande tirana dos homens, impassivel escrava do Tempo.

A TAVESSIA DA MANCHA A NADO

Desde 1875 só cinco homens conseguiram atravessar o canal da Mancha a nado. Foram: o capitão Webb, o inglês Burgess (em 23. h. 40 m.), o americano Sullivan (21 h. 24 m.), o italiano Tiraboschi (em 16 h. 23 m) e o americano Toth (em 16 h. 54 m). No dia 6 de Agosto proximo passado, uma mulher, a celebre americana, miss Gertrude Ederlé, realizou a grande façanha desportiva, indo duma margem do canal á outra, em 14 e 30 m., isto é, batendo o «record» da velocidade. Por algumas palavras que pronunciou, durante a travessia, parece que a eminente «sportswoman» estava resolvida a vencer ou a morrer.

SISTEMA INDÚ...

Quando um contribuinte indú se recusa a pagar os impostos, expõem no aos raios ardentes do sol, ou seja a uma temperatura de 45 graus, ou mais. E é esse o castigo dos maus pagadores, nos dominios de Nimaz Hyderahd, principe poderoso. Muitas vezes, para se livrarem do suplicio, já iminente, os contribuintes oferecem o dobro do imposto a pagar.

NUVENS DE BORBOLETAS

Dijon foi invadida por borboletas. E' uma praga original, mas que não deixa de causar panico aos habitantes, que vêem as suas casas invadidas por esses animais. O fenomeno, de resto, não é raro, na região. Conta-se que, em Saône—et—Loire, um comboio foi bloqueado por uma nuvem de borboletas, e teve que parar, por o maquinista não poder vêr o caminho. O escritor francês Francis de Croisset, no livro «Féeries Conighalaises», descreve o mesmo fenomeno, mostrando-nos um automovel a abrir caminho atravez duma nuvem movediça de borboletas.

CASAMENTOS A BORDO

O ministro da Marinha Mercante norte-americana mandou distribuir uma circular em que se preveniam os comandantes dos transatlanticos de que não teem autoridade para realizar matrimonios no alto mar. Esta medida foi motivada pelos excessos em que caiu a moda dos casamentos no mar. O comandante do navio podia assumir as funções de pastor protestante e, lendo um paragrafo da Biblia, não tinha mais que pronunciar a fórmula sacramental: «Em virtude da autoridade de que gozo, na minha qualidade de comandante do (aqui o nome do navio) e respeitando as leis vigentes no alto mar, declaro-vos marido e mulher». Está-se a ver, com o gosto pelos «flirts» que teem os americanos, e como bom campo que para as fantasias sentimentais oferece o convez dum transatlantico, a que excessos irremediaveis este costume deu origem.

FLORES PRECIOSAS

No decurso duma excursão, em Port-Arthur, dois estudantes de Ontario apanharam umas flores que lhes pareceram bonitas. Tratava-se de orquideas duma especie muito rara, de que um só bôlbo vale, na America, mais de cem dolares. Sabendo da importancia da sua descoberta, é claro que voltaram logo ao mesmo sitio, onde fizeram uma provisão de flores.

«NIHIL NOVUM SUB SOLE»!

E é bem certo que o sol não ilumina nada novo. Não se descobre agora que os nossos antepassados já discutiram muito se as mulheres deviam ou não cortar os cabelos! O snr. Gastão Derys descobriu agora um folheto, publicado em 1809, com o titulo de «O Anti-Titus ou a Critica á moda dos cabelos cortados para as mulheres». Escusado será dizer que o autor—um antepassado!—condenava em absoluto a dita moda.

DADOS ESTATISTICOS

As maiores alturas, nos cinco continentes, são:

Europa: O Bruz (Caucaso), 5.630 metros, Asia: Everest (Indo-China), 8.842 metros; Africa: Kibo (Sul), 5.890 metros; America: Aconcagua (Chile-Argentina), 7.037 metros; Oceania: Kosciusko (Nova Gales), 2.371 metros.

Os pontos menos elevados são: Europa: Mar Caspio (Russia), 27 metros abaixo do nivel do mar; Asia: Mar Morto (Palestina), 394 metros abaixo do nivel do mar; Africa: Deserto do Sahara, 70 metros abaixo do nivel do mar; America: Vale dos Mortos (California), 84 metros abaixo do nivel do mar; Oceania: Lago Eyre (Australia), 12 metros abaixo do nivel do mar.

VERÕES TERRIVEIS

Para nos consolarmos do calor que tem feito este verão, recordemos a seguinte estatistica, encontrada numa revista e agora citada por revistas recentes:

No ano 627 as fontes evaporaram-se e morria-se de sêde. Em 993, arderam arvores. No ano 1000, secaram rios. No verão de 1303, secaram o Sena e Rheno. Em 1705, assou-se carne ao sol. Em 1823, o calor desencadeia a cólera sobre Paris, havendo 22 000 vitimas. Por fim, em Agosto de 1846, a temperatura atingiu 46 graus.

UMA ALDEIA INDIA EM PARIS

No Jardim de Aclimatação em Paris instalou-se recentemente uma atracção, original e pitoresca: uma aldeia india, escrupulosamente reproduzida com suas choças de palha e de bambú, com o seu povoleu indigena e autentico, transportado da Asia, para recreio e divertimento dos parisienses, dos provincianos e estrangeiros, que tanto visitam o famoso jardim.

O DOMINGO ilustrado

TEATROS

CARTAS DE UM COMEDIANTE

O que o publico não sabe...

A gente queixa-se de tudo. E' velha mania. Queixamo-nos do serviço dos telefones como das vielas esburacadas; do serviço dos electricos como da falta de iluminação pelas ruas. E quando entramos numa sessão de «tesourada», já nada nos detem. Será mau o serviço dos electricos? Não nos parece. Sae-nos muito caro, isso sim!

Entre comediantes, então, falar mal já não é habito: é vicio.

Chega a ser um atributo da profissão. Mas neste chorrilho de maledicencia cometem-se muitas injustiças. Censura-se tudo, o que não presta e o que devia pairar acima dos interesses, das antipatias pessoaes, das invejas...

... O teatro portuguez, apesar do destrambelhamento destes ultimos tempos, da crise de ordem teatral que vamos atravessando, é conhecido lá fóra.

Essa retumbancia deve-se ao seu passado glorioso. E deve-se a uma pleiade de escritores e artistas de hoje, cuja fama atravessa as fronteiras.

Nem tudo é mau.

E é forçoso reconhecer que lá fóra se dá o justo prestigio a alguns que aqui o não teem, não se sabe bem porquê...

... Pelo habito de se julgar mal de tudo?.. E' possivel.

Não são tão só os autores traduzidos no estrangeiro, os artistas que daqui se deslocam e que fóra do paiz criam relações, que elevam o teatro portuguez a um alto conceito noutras terras onde ha teatro tambem. São, por outro lado, os obreiros que gravitam em torno dos soes da arte dramatica; e que dela são parte intregante: scenografos, decoradores, maquinistas, «costumiers», cabeleireiros, etc.

Os nossos artistas e o nosso publico tambem—porque não dizêl o?—não compreendem que sem esses colaboradores preciosos não ha realisação d'arte possivel.

Entre os que ao Teatro teem consagrado toda uma vida, trabalhando silenciosamente, ininterruptamente, Victor Manuel faz notar o seu nome.

Victor Manuel tem consumido toda uma vida a fazer cabeleiras para artistas. São seis mil, as cabeleiras que esse homem teceu, fio a fio, numa vintena de anos; de todas as tonalidades, de todas as idades, de todas as raças, de todas as epocas, para a Revista e para a Tragedia, para modestos e para grandes artistas, desde a «grenha», desde a «escovinha» até á «Buridan», á «Luiz XV»... Belas e estranhas cabeleiras...

... Mas todas elas com o seu toque inconfundivel, que nenhum cabeleireiro estrangeiro conseguiu jamais egualar: o acabamento em concavo na nuca e o fecho nas fontes.

Todas elas tecidas com carinho, com paciencia, fio a fio, todas elas perfeitas, quer se destinem a um actor celebre, quer sejam para reforçar o «stock» da casa.

Quanta beleza pode residir numa cabeleira postiça!

E que arte dificil, a de compôr mechas de cabelo sobre uma «calotte», de maneira a realisar a perfeita ilusão á luz da ribalta! E originar, por meio de uma cabeleira, a expressão de um personagem! São quasi sempre as cabeleiras que moldam o tipo que o actor vae interpretar!... Muito gente não o sabe.

Victor Manuel é talvez mais apreciado lá fóra que entre nós. O seu nome aparece dia a dia nos reclamos dos jornais, dos cartazes. Mas os artistas, á força de lerem o nome de Victor Manuel e de com ele privarem, julgam-se dispensados de homenagear aquele que os tem ajudado silenciosamente na ardua ascensão.

Porque não se ha-de fazer justiça a Victor Manuel?

CARLOS ABREU

AS TORTURAS DUM AUCTOR

EU não sei se V. Ex.as já alguma vez escreveram uma peça de teatro. As horas que se levam a imaginar o assumpto, a compor as scenas, a escrever os dialogos são horas de um grande prazer espiritual. As figuras vão tomando vulto na nossa imaginação, vão-se transformando, conforme as modificações que o enredo da peça vai sofrendo, e o auctor passa as noites sonhando com o sucesso que a peça vai alcançar, e passa os dias procurando aperfeiçoar as scenas, modificando o final d'um acto para lhe dar maior realce. Depois veem as horas de espectativa, e de indecisão, aquelas horas que se passam entre a entrega da peça ao empresario e a sua aceitação. Se a peça é aceite, começam as horas de enervamento. Todos os artistas da Companhia querem fazer os primeiros papeis e quando finalmente, depois de mil transigencias, com os caprichos do empresario, com as exigencias das estrelas e das estrelas se chega a fazer uma distribuição definitiva, então tem o auctor que se revestir de toda a sua paciencia para dar ouvidos a todas as reclamações dos artistas.

—Então eu faço a mãe da Julia,... diz a 1.a actriz, da Julia que podia ser minha avó... Eu, felizmente, apezar dos meus 37 anos cos anos das actrizes devem-se multiplicar por dois) ainda até hoje não fiz senão ingenuas. E o auctor tem de concordar e dizer que foi uma imposição do empresario. A seguir o auctor tem de aturar o actor mais velho da companhia que é geralmente o que representa os galãs.

—Com que então o meu amigo deu-me o papel do Barão e foi dar ao Lopes o papel do Marquez. Ora eu não compreendo, como sendo eu o primeiro artista da companhia, faça um Barão e o Lopes, que é um reles rabulista que está aqui por dó, faça um Marquez.

—Mas meu amigo, diz o auctor para conciliar, eu não tinha pensado nisso; mas não ha duvida, eu faço uma modificação na peça e o meu amigo passa a ser Duque.

—Está bem... mas não julgue que me faz nenhum favor... Eu já fiz o Rei, do «Hamlet».

—Mas olhe que o Zaconi no «Pão Alheio» fazia um mendigo.

—E' possivel, mas eu não faço papeis inferiores... A minha divisa é... «Sempre para cima».

E o auctor afasta-se, a pensar que o homem com aquelas ideias de subir acaba fatalmente no urdimento, a puxar o pano de boca.

A seguir vem a inquisição da montagem da peça. O emprezario vae junto do auctor e com o seu melhor sorriso, pondo-lhe muito amavel a mão sobre o hombro, diz-lhe:

—Oiça, meu amigo... fazia-lhe diferença que a scena do primeiro acto em vez de se passar no adro da egreja se passasse numa vista de aldeia?

—Sabe, volve o auctor, a egreja é absolutamente necessaria ao enredo do acto.

—Bem sei, diz o emprezario, já pensei nisso, mas talvez se pudesse substituir a egreja, colocando num dos predios da praça uma taboleta do «Registo Civil».

Por fim o auctor, com medo que a peça seja retirada de ensaios, concorda com a mudança, pedindo unicamente para em vez da taboleta do Registo Civil se colocar na janela do predio uma outra do Centro da Juventude Catolica.

Vem finalmente a noite da primeira representação. Horas amargas, horas da maior tortura, momento angustioso para o auctor, só comparado com aquele momento em que o reu dum grande crime espera a decisão do juiz que o ha-de absolver ou condenar.

E, por fim, ao cahir o pano sobre o ultimo acto, se a peça faz sucesso, o caso é já sabido, os artistas reunidos revoluem que graças ao desempenho, mais uma vez se salvou a honra do convento; mas se pelo contrario fez um fiasco, então todos se revoltam contra o auctor que sacrificou os artistas, sujeitando-os a um fiasco daqueles.

Isto é geralmente assim, mas para todos os casos ha uma excepção e agora mesmo se deu uma delas. Foi na primeira representação do «Cabaz de Morangos» no Eden Teatro.

No final da peça, auctores artistas, empresarios, cairam nos braços uns dos outros e franca e lealmente, concordaram que o grande exito fôra devido ao esforço de todos.

E assim e que é bonito.

LINO FERREIRA

TEATRO OPTIMISTA

A abertura do Eden com José Climaco

O ensaiador José Climaco—já o temos acentuado—é um valor.

Possue faculdades de realisação, tem fé, tem condições de dirigente, e, se pudesse aliar as suas qualidades explendidas do «metteur-en-scène» á cultura moderna proveniente das via

De.linda de Macedo

gens e da leitura dos modernos processos scenicos da «feérie», da fantasia, José Climaco estaria destinado ao trabalho glorioso de renovar todo o nosso teatro ligeiro e musicado.

Mesmo assim, com a vida precaria que aqui pode fazer um artista desacompanhado, sem recursos de colaboradores de espirito renovador, sem as maquinarias e aparelhos electricos de scena tão precisos áquele genero de trabalho, sem grandes capitais, e com deficiencia de artistas, José Climaco conseguiu reunir e erguer, num espectaculo curioso, a brilhante revista «Cabaz de Morangos», onde Silva Tavares e Lino Ferreira, Acurcio Pereira e Luna de Oliveira fizeram uma excelente parceria.

Que esforço enorme!

O publico o premiou, farto de coisas desnacionalisadas e morbidas, que lhe não falam á sensibilidade, ao lirismo nato e sincero, á sua alegria pacata e pitoresca.

E' pois este um elemento que cumpre saúdar nestas colunas, que se não mancharam ainda com subserviencias de bastidor, e é o «Cabaz de Morangos» um espectaculo que se pode indicar ao publico de Lisboa, como ao da provincia, onde este jornal lhe leva o aviso de que o Eden reabriu, e reabriu bem.

* * *

A aparição de Deolinda de Macedo, que o Porto prendeu dois anos, foi coroada de exito. E' muito portuguesa esta alegre rapariga, que está agora uma actriz em plena floração, cheia de frescura e com todos os requintes para um grande nome no teatro de revista. O seu sucesso foi legitimo. Deolinda de Macedo vai fazer uma grande epoca.

O DOMINGO Ilustrado

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

HISTORIAS da minha vida? Uma aventura vivida? Uma aventura autentica? E julga V. que, pelo facto de eu ser dos jornalistas mais aventureiros e por ter verificado algumas proezas cosmopolitas, me é facil satisfazer, com presteza, o seu desejo...? E' um engano...

Precisamente porque tenho levado uma vida acidentada, uma vida de Montanha Russa—é que me é dificil encontrar o que V. pede... Eu fiz da minha vida a materia prima do meu trabalho. Mal acabo de viver um episodio de interesse—vendo-o logo, em fasciculos, aos jornais para onde escrevo.

De todas as formas, folheando bem, perfurando a memoria, algo se arranjará á medida da encomenda...

Espere um pouco. Vou folhear os livrinhos de capa verde onde contabiliso as emoções de cada dia... Espera... Ha aqui, no ano 1914—ha doze anos—um apontamento gatafunhado a lapis, em letra missanga, que o tempo apagou quasi por completo. Deixa-me chega-lo! mais para a luz...

O que diz? *Paraizo de Lisboa... Ketty Lieben...* Ketty Lieben? Quem será esta mulher...—e porque a registei no meu diario?... E nem mais um detalhe a esclarecer-me... Desmarcada confiança na minha memoria...

Ketty Lieben?... Paraizo de Lisboa...? Ah! Agora... agora! Tem graça... Eu á procura duma aventura inedita... Não sei mesmo como esta escapou ainda á gula de assuntos do meu profissionalismo jornalistico...

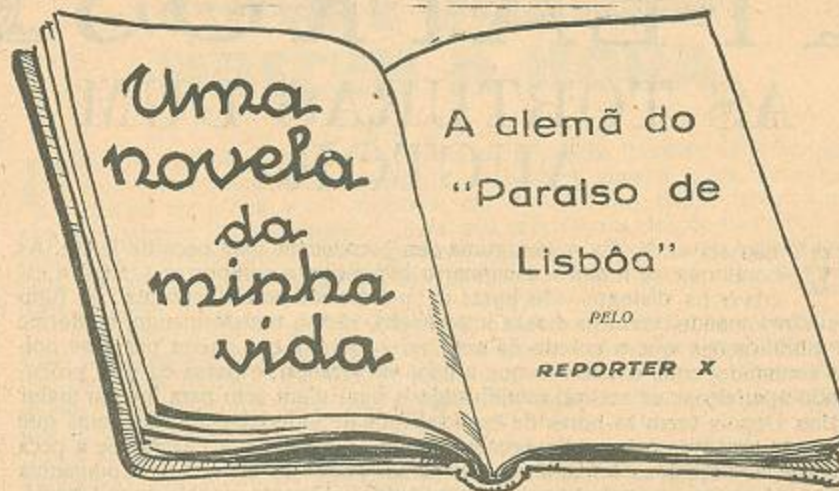
UMAS CALÇAS BRANCAS E UMA «LUNA PARK» NA RUA NOVA DA PALMA.

Foi em Agosto de 1914... E sei que foi em Agosto—porque corresponde á data do meu alistamento nas gazetas.

Tinha dezassete anos—e uma sêde tifosa de vida e de emoções. Longe de mim ainda esta vertigem a frio que levo agora... Longe de mim as responsabilidades da familia e da ranchada de miudos que forma a caravana com que me desloco por essa Europa fóra... A minha visão do mundo—era toda ela inspirada num album de postais de varios paizes... E nesse album, excitando-me como um catalogo de brinquedos—havia uma colecção de diversões diabolicas, surpreendidas pelo Kodak, no «Luna-Park» de Paris...

Um dia leiu nos jornaes que ia inaugurar-se um «Luna-Park» em Lisboa... Onde? Na Rua Nova da Palma. E intitulava-se «Paraizo de Lisboa»...

Tive a impressão que me proporcionavam a minha primeira viagem ao estrangeiro... Durante dias, aguardei impaciente a inauguração... Falava-se já em *water-chuts*, em «oceanos de aço», em «espiraes do diabo», em «discos giratorios...» E no «Suisso», por onde eu parava então, após a saida do jornal, antegosámos, eu e outros neofitos das gazetas e de literatura, a saborosa emoção que nos estava preparada... Houve até quem afirmasse:

—Lisboa está sendo uma capital decente...

Chegou o grande dia—e nós todos conquistavamos, atravez de todos os esforços, o bilhete da respectiva gazeta para irmos ao «Paraizo de Lisboa»... Mas dolorosa desilusão nos esperava. As maquinarias das diversões do parque estavam incompletas. O espectaculo seria apenas no teatro—um especta-

Nunca os meus olhos moços tinham sonhado beleza tão magnetica...

culo de *music-hall* com artistas de todas as nacionalidades. E no programa, em letras rubro-doiradas, anunciava-se uma bailarina cantora alemã—«verdadeiro enigma humano» — afirmavam os reclamistas—«Ketty Lieben»...

O nome não me impressionou—como pouco interesse me despertava todo o programa. O povo e os meus camaradas ambicionavamos a tradução em português do «Luna-Park»... E logo que entrámos no teatro fomos espreitar, atravez das portas de cristal, o parque penumbroso, onde as escadarias, as pranchas, as plataformas rebrilhavam, envernisadas de fresco...

Não pudemos esquivar-nos a invadir aquele paraizo... proibido por quarenta e oito horas. Uma distracção do porteiro—e eis-nos no parque...

Lembro-me agora que usava umas flamantes calças brancas. E ao defrontar com a ingreme prancha do *water-chut* fui como que atraido pelo barco que senti vir, lá cima, na colina demadeira. E cego e precipitado, avancei para a prancha e predispuz-me a galga-la, como se fosse a Calçada da Gloria... Dei ainda uns quatro passos... Mas os meus saltos, escorregando na madeira recem-invernisada — fizeram-me cair, numa queda horrivelmente ridicula: de costas... E de costas vim deslizando até cá baixo. Os meus camaradas ajudaram-me a levantar—e eu voltei, cabisbaixo, á sala de espectaculos...

A SEDUÇÃO DA BAILARINA MISTERIOSA.

O programa ia já a meio. Pouco depois recebo a duche da ribalta: a tal enigmatica artista alemã—Ketty Lieben. E mal ela fez a primeira pirueta, esqueci-me da dôr violenta que a queda me produziu nas costas, como se me tivesse picado com morfina.

Nunca os meus olhos moços tinham sonhado beleza tão magnetica.

Um corpo feito de bambu, de flexivel que era... Um colo branco, em que apenas faltavam a penugem de arminho para recordar o do cisne... E o rosto... Que rosto! Um triangulo puro—onde os labios eram golpes sangrentos de bisturi; os olhos duas esmeraldas—e as sobrancelhas duas finas pinceladas de ouro...

Ela saiu de scena, voltou, e tornou a sair; e tornou a entrar; desengonçou-se em bailados de todos os ritos; entoou canções de todas as harmonias, uma doce voz de soprano que devia ser gemea da de Ofelia; vestiu-se com

Ketty Lieben dançava tambem na corda bamba...

pompas á Pampadour; desnudou-se como uma «bayadera» hindu—e sempre, sempre a mesma fascinação...

Fôra um exito... Havia rostos palidos pela platéa... E eu, vencendo a timidez de jornalista principiante—avancei para a porta da caixa, exibi o bilhete de identidade e consegui invadir o palco...

O emprezario, farejando um reclame gratuito, levou-me aoc amarim de Ketty Lieben... Ketty Lieben bebia uma cerveja vulgar e limpava o suor que punha reflexos da sua face carminada. Recebeu-me amavel—numa amabilidade que fez raiar no meu peito uma estrela de esperanças... Tossi, mordi os labios com a ponta da lingua e declamei uma confissão de amor, que equivalia a um artigo de fundo a duas colunas...

Ela ouviu-me muito seria—mas sem a menor esperança. Dir-se-hia até que se impressionava com o meu ardor vulcanico... Mas ai! tarde compreendi... que ela não me compreendera... Ketty Lieben só falava o seu edioma—o alemão.

Sai do camarim, não como um vencido—mas como um general que tem a certeza que vencerá a batalha... Levava comigo a resolução de aprender, em Bierlitz, o idioma germanico... Poucos passos dera no corredor quando os meus ouvidos se feriram ao arranhão brutal de uma gargalhada irreprimivel.. voltei-me... Fôra Ketty Lieben quem a soltára.

Fiz-me das sete côres do arco iris... E um espelho colocado por Mefistofeles perto de mim revelou-me, vexando-me, o motivo daquela gargalhada: era que as minhas calças brancas estavam listradas de vermelho... Ao cair e ao resvalei pela prancha do *water-chut* sujaro-as com o verniz, fresco ainda...

A RAZÃO POR QUE NÃO CONQUISTEI KETTY LIEBEN.

A vergonha foi para mim mais dolorosa que as labaredas de um auto de fé. Mas a paixão dinamitica que as dores dos olhos da alemã incendiava em mim fizeram-me reagir. Comprei calças novas; comecei a usar monoculo; meti vales na *Capital* para comprar umas flôres, muito ridiculas; passei noites em claro com um *Manual de Conversação Alemã*, a decorar os vocabulos mais acaxeirados para a futura declaração. E era infalivel... Todas as noites, no intervalo da primeira para a segunda sessão, batia á porta do camarim de Ketty Lieben—e lá estava suspirando ao seu lado e projectando olhares inflamados... E ela sorria-se sempre... Esse sorriso, ao principio apenas galhofeiro—começou a tornar-se amarelento—e tornou-se por fim num esgare aflitivo... Parecia que a alemã o começava a temer. E eu dizia para comigo:

—Ela tem medo de mim. O terror é a melhor arma para a conquista de uma mulher...

Mas nessa noite o contra-regra, que já me conhecia, chamou-me e com ar ironico segredou-me:

—Você tem facataz pela alemã...

Esbocei um gesto de falsa modestia—e respondi...

—Talvez...

—Então perca as esperanças..

Suchei-o torax e basofiei:

(CONTINUAÇÃO NA PAGINA 8)

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA...

Electrificação

Novela de oportunidade, estilo relampago, em que tudo, d'acordo com o titulo, tem a rapidez do raio... que ia partindo um dos seus protagonistas.

NÃO ha duvida alguma: a electricidade é uma grande força; mas tão caprichosa, tão extranha, tão enigmatica! Principalmente quando exerce a sua influencia, tão caprichosamente feminina, sobre os nossos sentimentos, sobre o coração, — esse perfeitissimo barometro de todas as nossas sensações — os seus efeitos são quasi sempre inesperados, imprevistos, direi mesmo extraordinarios.

Isto dizia ha dias, num ar convicto, um rapaz magro, distinto, de linha natural, no rapido da tarde da linha do Estoril.

O seu companheiro de viagem concordou, mas quiz saber os fundamentos de tal opinião.

O outro satisfez e começou:

—Sabes tão bem como eu, porque foste meu companheiro de estudo, o extraordinario poder dessa força ainda hoje desconhecida, apezar de tão aproveitada.

Quando começou a tratar-se da electrificação desta linha, fui logo um dos primeiros a temer os seus efeitos; não sabia ainda quais; mas convenci-me logo de que a electrificação teria grande influencia nas coisas em que menos se deveria esperar a sua acção.

Por isso não extranhei, nem me espantou absolutamente nada o efeito produzido no cabo submarino, porque já antes eu tinha notado um outro efeito subterraneo, muito mais inesperado e que me podia ter sido fatal.

—Sim? Mas como?—quiz saber o outro, avido já da novela que antevia e largando logo o ar maçado que trouxera desde o inicio da viagem.

—Nunca duvidei,—proseguiu solicito o primeiro—de que a energia electrica da linha não só faria perder a linha a muita gente, mas teria uma poderosa, uma decisiva influencia sobre certos sentimentos, sobre certos espiritos, aptos a receber os efluvios das ondas loucas, extraviadas no percurso e a deixar-se conduzir ao sabor dos seus caprichos. De facto nunca duvidei que a electrificação iria intensificar a vida destas praias, electrificando ao mesmo tempo certas vidas, certas paixões, certos desejos.

Não me enganei. Deu-se comigo um caso que na verdade bem o demonstra. Tinha chegado de Lisboa num comboio electrico e trazia comigo ainda a agradavel sensação da comodidade das carruagens, no olhar o azul do oceano entrevisto das janelas do wagon e nos ouvidos a desagradavel lembrança do som da buzina do comboio, grito feroz, selvagem, lembrando perfeitamente uma vaca no extertor.

Cançado da viagem, entrei na pastelaria do parque, decidido a tomar unicamente uma cerveja. Mas estava escrito no livro do destino que eu devia tomar nesse dia alguma coisa mais. Bebia, deliciado, uma Estrela espumante, confiado intimamente na felicidade da minha propria, quando um grupo de senhoras, tão sequiosas como eu, entrou reclamando sorvetes.

Não sei porquê, o meu olhar, cheio ainda do azul do mar e do proprio que possui, fixou uma das recemchegadas, mas sem grande insistencia, pousando apenas ao de leve e rapidamente nos seus olhos. O seu olhar, porem, demorou mais porque, ao erguer de novo os olhos, notei ainda

—Sabes tão bem como eu, porque foste meu companheiro de estudo o extraordinario poder dessa força ainda hoje desconhecida...

fixo em mim e como que absorto o seu olhar. Pouco depois, sem quaisquer frases que me vi obrigado a trocar com o empregado, a senhora encontrou maneira de fazer desviar para si um pouco da conversa. Extranhei o proposito evidente de estabelecer entre nós a «causerie,» mas expliquei-o por temperamento, por espirito comunicativo, e sem fazer maior reparo retirei. Porem, de tarde, quando voltava a tomar novo refresco, cruzei-me ainda no caminho com o seu inesperado enigmatico sorriso. Muito naturalmente e provocado por aquele sorriso que reclamava intimidade, tirei o meu chapeu, num discreto cumprimento, e segui, disposto a não pensar no caso.

Mas o proprietario do estabelecimento a que me dirigia, logo que entrei e perante o meu sincero espanto, veiu comunicar-me, admirado tambem, o interesse imprevisto que a senhora havia clara e abertamente manifestado. Perguntára tudo o que a pudesse elucidar a meu respeito, inquirindo os minimos detalhes; confessara mesmo que ninguem até então a tinha interessado assim e duma forma tão rapida, tão fulminante. De facto, achei rapido de mais um tal interesse, mas justifiquei-o, expliquei-o com a influencia da electrificação. Pensei que, afinal, longe dos magneticos efeitos da nova linha, aquela senhora retomaria a sua propria, e regressada a casa tudo esqueceria.

E fui instalar-me no Hotel Paris, que pela sua explendida situação e pelo otimo tratamento dá o ambiente preciso para a cura de repouso, de que tambem preciso. Prefiro-o aos Hoteis do Monte, onde o luxo e a pretensão de todos os que não vão para descançar, mas para exibir os seus esplendores de fresca data, nos tornam a vida insuportavel e o tal repouso impossivel.

Algumas senhoras teem o aspecto fatigado de estrelas de revista por sessões, pelo exaustivo trabalho da mudança constante de toilettes, tendo-se imposto a si proprias a tarefa esgotante de exibir nos 15 dias de permanencia em cada hotel as dezenas de vestidos que recheiam a extensa bicha de malas, que as segue fiel por toda a parte. E como a contemplação de todo esse caudal de «toilettes» não me causa admiração pelo valor que representa, mas causa pena pelo trabalho que dá a sua constante mutação, prefiro um hotel onde não tenha esse desgosto permanente.

* *

Já no meu quarto, acabava de deitar-me sobre a cama, quando me apareceu o creado com uma carta. Não tinha dito em Lisboa para onde vinha; extranhei, portanto, a missiva, mas abri.

A carta dizia assim:

Exmo Sr.

Tive a felicidade ou a desgraça de o encontrar ha pouco. Não sei que impressão extranha me causou, que não

e provocado por aquele sorriso que reclamava intimidade, tirei o chapeu e segui...

posso vencer esta força irresistivel que me impele para si. Por isso lhe escrevo e lhe peço o grande favor de estar esta noite, ás 11 horas, junto do jardim do chalet X, no Monte. Não falte

muito grata Z.

Fiquei a olhar a carta. Depois procurei relembrar aquele sorriso que me intrigára tanto, a recordar aquele olhar firme e persistente que tanto me espantara.

Ha senhoras que quando alguem as fita fazem logo fita. Aquela não, tinha sustentado com firmeza a insistencia teimosa dos meus olhos mostrando a coragem dos seus.

Depois de jantar, com a naturalissima curiosidade a espicaçar-me, procurei o chalet indicado na missiva. Era uma vivenda de traços regulares, de grande sobriedade de linhas, demonstrando bom gosto. A casa parecia desabitada.

Nem a mais ligeira claridade saía de qualquer das suas janelas.

Bateram as 11 e eu, já convencido de um «bluff», decidira não esperar mais que 10 minutos. Mas não tinham ainda passado 5, senti que uma porta se abria e um vulto branco, misterioso e vago, atravessava as aleas do extenso parque, encaminhando-se para mim. Esperei, interessado e ansioso.

Pouco depois reconheci a senhora que me escrevera e que numa voz velada e tremula me pedia que a seguisse. Obedeci. Atravessâmos o parque, contornámos o palacete e, junto duma porta baixa, a mesma voz, emocionada pelo romanesco da aventura, convidou-me a entrar para um subterraneo extenso e amplo, esplendidamente decorado e destinado decerto aos dias de calor, ás longas sestas torridas do verão. Sentei-me num «divan» e junto de mim o mesmo olhar, então mais proximo, mais apaixonado, numa verdadeira suplica, implorava. As nossas mãos uniram-se, as nossas bocas tremulas procuravam o melhor laço que as unisse...

—E depois, e depois?—perguntou o companheiro de viagem, no auge da curiosidade que o estava devorando.

—E depois foi a parte tragica da novela. O epilogo fatal. O tragico final de acto. Após uma apaixonada e confissã de amor intenso, poderoso e forte, alguem repentinamente surgiu, alguem de cuja identidade não cheguei a certificar-me; alguem que vinha armado dum argumento tambem poderoso, forte e decisivo; dum argumento em forma de estoque, de lança, ou de cacete, ou talvez mesmo, quem sabe, se o pouco romantico, o muito prosaico e reles cabo de vassoura. Não garanto, porque nesse momento a comoção transtornou todas as minhas faculdades de observador e me fez perder toda a curiosidade que trouxera no inicio da aventura.

—Mas o que tem isso com a electrificação? — lembrou o outro, já desiludido.

—O que tem? Mas que pergunta! Pois foi essa electrificação da linha que provocou esta electrificação de sentimentos, que por sua vez produziu esta novela...

—Mas não vejo que semelhança ou que pontos de contacto possam ter as duas electrificações...

—Ora essa! Assim como a da linha do Estoril foi bolir com o cabo submarino, tambem esta foi actuar sobre um cabo... subterraneo, que por pouco ia dando cabo de mim.

AUGUSTO CUNHA

VARIA

1.ª solução do problema n.º 84

	Brancas	Pretas
1	19-23	18-27
2	22-26	31-22
3	15-24	1-15-8
4	24-31-13-2-20	29-22
5	4-7-29	
	Ganha	

2.ª solução

	Brancas	Pretas
1	19-24	28-19
2	15-28	1-15-8
3	22-11-2-13	29-22
4	4-7-29	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 85

Pretas 4 D e 3 p.

Brancas 2 D e 6 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 83 os srs.: Aleixo Cunha (Coimbra), Armando Machado (Ilhavo), Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Carlos Gomes (Benfica), Neulame (Figueira da Foz), Um principiante (Carvalhos), Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado é dedicado, pelo sr. Artur Santos, a Um principiante (Carvalhos) e a Neulame.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 85

Por A. Nowotny

Pretas (4)

(Brancas (6)

As brancas jogam e dão mate em tres lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 83

1 R. 3 C, P 6 R !; 2 P × P R +, joga
3 P × T +
4 P × T +
5 P × P D + R. 2 D
6 P × B + R. 1 R
7 P × C = C mate

outras variantes evidentes

Tema «Excelsior» isto é, promoção de P que parte da sua casa inicial. Neste problema, a marcha do P. em zig-zag é dum efeito humoristico completo.

Resolveram os srs.: Nunes Cardoso, Vicente Mendonça, Club Portuense (Porto) e Maximo Jordão.

A França comemora no proximo dia 7 o 2.º centenario do nascimento de A. D. Philidor; analista profundo e jogador extremamente subtil, o seu nome ficará na historia do xadrez como o de um dos maiores mestres de todos os tempos. Foi egualmente um musico de raro merito.

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior saírá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

DOIS TORREJANOS, DROPÉ (T. E.), RUPECA, SPARTANUS, DOIS PRINCIPIANTES, NÓS, AULEDO

DECIFRAÇÕES DO N.º 84

HORISONTAIS. — 1 lagão, 2 ousio, 3 oca, 4 limar, 5 Ema, 6 dó, 7 avoengo, 8 an, 9 origid, 10 tapona, 11 nido, 11-A eotl, 12 oncre, 13 sovou, 14 emulo, 15 medra, 16 iaro, 17 Roma, 18 roupar, 19 eterno, 20 ar, 21 aranzel, 22 ás, 23 ils, 23-B ilaot, 24 ato, 25 nenia, 26 elmos.

VERTICAIS. — 1 lodoso, 23 A sr, 24 am, 27 acor, 27-A ga, 28 olvide, 2 orgãos, 29 se, 30 iman, 31 oanaçu, 32 iodo, 33 me, 34 ante, 7 agir, 35 opto, 36 incluiu, 37 olvidar, 14 ecrain, 38 lapa, 39 oraria, 15 motete, 40 emel, 41 anosos, 17 rezo, 42 oral 43 orle, 44 nato, 45 na.

PROBLEMA DE HOJE

Original do nosso ilustre colaborador JORMEN.

HORISONTAIS. — 1 gostar, 2 carruagem, 3 fruto, 4 torrar, 5 prospero, 6 prudencia, 7 grande 8 zombeteiro, 9 açucarados, 10 assassinai, 11 medidas, 12 animais, 13 nota musical, 14 som, 15 duas letras de saca, 16 carneiro-guia, 17 duas letras de sotão, 18 censura, 19 duas letras iguais, 20 ruido, 21 oferecer, 22 animal, 23 querida, 24 comediante.

VERTICAIS.—1 patrão, 2 cinturão, 3 jogo de rapazes, 19 oferecem, 22 duas letras de cinto, 25 tregeito, 26 vento, 27 lisos, 28 duas letras de rasa, 29 cano, 30 oceano, 31 literato reles, 32 prefixo grego que significa falta, 33 sobejos, 34 seis letras de cabaceiro, 35 reza, 36 gemidos, 37 pragana de espiga, 38 capela, 39 concedêra, 40 colorido, 41 perversa.

CORREIO

RUPECA.—Quem teima consegue, e o confrade está neste caso. Portanto continue que quem porfia mata caça.

A alemã do "Paraiso de Lisboa"

Continuação da p

—Isso, nunca... Eu hei de conquista-la, custe o que custar...

—Não creia nisso...

—Creio, sim. Ela ha de ser minha.

—Já lhe disse que não...

—Ora essa? Você não me conhece...

—Mas conheço-o a ela... e sei que não pode ser conquistada nem por si nem por ninguem.

—?

—Porque a bela Ketty Lieben pertence ao sexo masculino...

Era verdade. Ketty Lieben era um jovem berlinense de dezoito anos, de nome Enric Klüger, cuja especialidade era o travesti feminino... E dai o cogorome de «enigma humano»...

A partir desse dia nunca mais me enamorei de uma artista de *music hall* sem primeiro lhe exigir uma certidão de baptismo—para saber a que sexo pertence...

Reporter X

N.º 7 2.ª SERIE — 5 DE SETEMBRO

SECÇÃO CHARADISTICA
SOB A DIRECÇÃO DE
CARLOS RODRIGUES

ORDIGUES (Da T. E.)

CHARADAS EM VERSO

1
O mau filho de Esculapio,
doutor das duzias, parrana,
em sabêr inda inferior
ao bondoso João Semana,

corta ás vezes, sem querer,—2
co' a maior inconsciencia,
julgando dar-lhe mais viço,
a *flôr* da humana existencia, | 3

percalço que não sucede
senão muito raramente,
ao Galeno de valôr,
ao *medico* inteligente.

Lisboa — BAGULHO

2
Toda essa *multidão*—1
tendo força e movimento,
atravessa o «*rio*» a salvo—2
sem descançar um momento.

O todo, diz minha tia
que *é dito de zombaria*.

Porto — REI DO OURO

3
Zé Torcato Nascimento
no dia do casamento
vestiu-se com *bizarria*;—1
de bigode bem frisado
trajando um fato riscado
á noiva se dirigia;

Não *concordo* meu rapaz—2
com esse fato que traz,
diz-lhe o *padrinho* zeguiço.
Torcato muito sentido
diz-lhe baixinho ao ouvido:
Este é p'ra todo o... serviço!!

Dafundo — D. SIMPATICO (T. E.)

CHARADAS EM FRASE

(A todos os colaboradores do «Moinho»)

4 Se o vosso *passeio* fôr ao Jardim Zoologico, ... se *escondam* da «*girafa*».—3—2

Lisboa — MANECO

(Ao primeiro que esta matar)

5 *Evita* a *trisca* se queres ser um bom escoteiro.—3—1

Lisboa — CAMARÃO (G. E. L.)

6 *Nada* ha para um paiz, como o trabalho e a ... *dem*».—1—1

Lisboa — JAMENGAL

7 ... *até* consta que por sêr *muito galhofeira* ... ela *entrega* dinheiro quando lhe dão *bordoada*.—1—...

Lisboa — DROPÉ (T. E.)

8 Acho de " *conveniencia* " que só os individuos de boa *reputação* deem entrada num *asilo*.—1—2

Lisboa — VISCONDE DA REL...

9 Que *pretexto* empregou o pirata para assaltar «*uma das metades do navio*» com *tanto* entusiasmo, ... vendo apenas um pequeno *troço de soldados*?—1—1—1

Lisboa — AVIEIRA

ENIGMA EM VERSO

10
Sou uma linda «cidade»,
e do mundo a mais formosa,
se lhe puzer um acento
terá «*planta venenosa*».

Lisboa — VIRIATO SIMÕES

RECTIFICAÇÃO

Por lapso deixámos de inserir no «Quadro de Honra» do apuramento do «N.º 1, 2.ª série», o pseudonimo do nosso assiduo decifrador «TAMENGAL», do que pedimos mil desculpas, contando-o desde já como totalista do referido numero, para efeito do apuramento total da 2.ª série.

CORREIO

VIRIATO SIMÕES.—A charada a que se refere foi anulada e novamente publicada, por motivo de em alguns exemplares do numero onde saiu pela primeira vez ter vindo truncada.

Como viu não foi por ai que o «Moinho» quebrou a vela.

D. GALENO.—Tornar-se maçador!... Por quem é não pense assim! Mande, mande sempre que serão bem recebidas.

DROPÉ.—Obrigado pelo seu cuidado, mas felizmente tinha chegado tudo a porto de salvação.

D. SIMPATICO.—O meu amigo enviou a lista ... sem votação por esquecimento certamente. Queira enviá-la o mais breve possivel.

A TODOS OS COLABORADORES

Reassumindo o DR. FANTASMA, no proximo numero, a direcção do «MOINHO», *de hoje em diante*, toda a correspondencia deve ser lhe endereçada e remetida para a *Rua Alvaro Coutinho, 17, r/c.—Lisboa.*

O DOMINGO ilustrado

TERMAS

AGUAS DE CASTELO DE VIDE

Vista geral de Castelo de Vide

A SITUAÇÃO

A Vila de Castelo de Vide, estação notavel para cura de aguas alcalinas, desfruta uma das mais admiraveis paisagens de Portugal.

Edificada, primeiro ao redor do velho Castelo de D. Diniz e intra-muros da cinta abaluartada dos filipes, estende hoje o seu casario, amontoado irregular e curioso de cabos e paralelepipedos brancos, para fora das fortificações, seguindo o espinhaço cujo ponto culminante é de 600m de altitude e olha, para leste, o velho Castelo de Marvão, a 10 kilometros.

Do alto da torre de menagem do Castelo de D. Diniz, a vista pode alongar-se por um panorama de magestoso ambito.

Além dos arredores imediatos, constituidos pelas encostas do monte onde assenta a Vila e pelas ondulações de leste (tudo coberto de olivedos, pinhais, soutos de castanheiros belissimos e vinha) a vista pode percorrer, encantada, para sul: a penhascosa serra onde alveja a Ermida da Senhora da Penha e onde, em seu colo, passa o velho caminho que vai a Portalegre; para leste, enfia o abrupto vale que leva a Marvão e vê, no seu monte, o antigo Castelo fronteiriço, recortado a sépia no azul do ceu; ainda a leste e mais ao longe, vê, a fechar o horizonte, a Extremadura Espanhola com os seus sobreiros, que o vale bem marcado do Sever separa Portugal.

Para norte o olhar vai fixando em planos bem marcados: o escarpado de Rodam, a cidade de Castelo Branco e, em fundo, alçada para o ceu, com o capuz nitido da sua neve, a Serra da Estrela. Para oeste estende-se, até á risca escura do vale do Tejo, o imenso montado que vai de Alter a Abrantes.

Esta é a paisagem, a traços bem largos; mas dificilmente as palavras dão ideia da belesa e variedade dum conjunto, que só a agradavel excursão ao Castelo pode fazer apreciar.

Castelo de Vide é uma povoação risonha e branca, com lindos jardins e um interessante ar de vila nobre e antiga. Cheia de velhas moradias fidalgas com um velho cunho arquitectonico do seculo XVII e principio de XVIII, a vila, nas suas ingremes vielas ou ruas do velho estilo, ostenta renques de casario muito cuidado em que o olhar, mesmo pouco experimentado, surpreende graciosos e agradaveis detalhes de arquitectura urbana da epoca classica e barôco português do seculo XVIII.

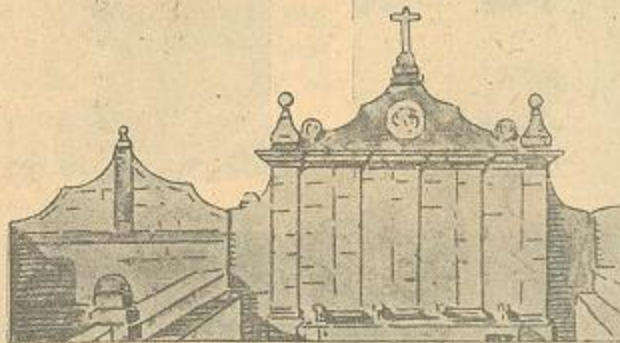
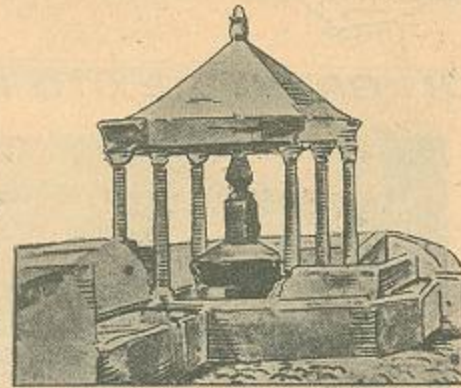
Muito extensa, lavada de ares e aceada, é, sem contestação, uma das mais lindas povoações de Portugal.

AS AGUAS MEDICINAIS

Da FONTE DA MEALHADA, as mais eficazes na cura das doenças do estomago e rins. Da FONTE DA VILA, as de maior sucesso na cura das doenças dos intestinos, figado e pele.

O que torna verdadeiramente notavel Castelo de

Hotel das Aguas

Vide, como estancia de cura de aguas, é que á admiravel beleza da sua paisagem se junta a privilegiada riqueza que a vila tem em aguas alcalinas, ferruginosas e sulfureas, do grupo das aguas medicinais. Bastará citar, das 300 fontes que na região existem, as fontes da Mealhada e da vila, para termos materia mais que suficiente para fazer classificar Castelo de Vide entre as primeiras estações de aguas do paiz.

Fonte da Mealhada

Fonte da Vila

Da *Fonte da Mealhada* já os arquilégios do seculo XVII falam com o justo e devido encómio; da *Fonte da Vila* a tradição é brilhante e na memoria dos de Castelo de Vide não se regista lembrança de sofrimentos de estomago e intestinos nos que bebem a agua desta fonte, dantes chamada *Fonte do Arco* que ainda hoje se vê perto.

HOTEL DAS AGUAS

Modernissimo, montado num belo edificio, com serviço especial de dietas e de mesa redonda primoroso, boa instalação de banhos, frigorifico, fabrica de gelo, campos de tenis e croquet. Não exageramos se o classificarmos de excelente, como Hotel de termas e de turismo.

As instalações do Hotel fazem prever que muito dificilmente hoje se poderá fazer no paiz uma cura de aguas em melhores condições de comodidade e conforto.

Iluminação electrica propria. Salão de festas. Caves proprias com vinhos seleccionados das melhores proveniencias.

COMUNICAÇÕES

CAMINHOS DE FERRO

Castelo de Vide encontra-se perto da fronteira de Espanha 10 kilometros, a oeste de Marvão na linha ferrea Lisboa — Valencia de Alcantara — Madrid.

E' servida por um dos malhores horarios de Caminho de Ferro do paiz: o rapido de manhã, o expresso de tarde e os comboios ordinarios diarios, tendo tambem bilhetes de banhos.

ES RADAS

Em castelo de Vide passam as seguintes estradas: Castelo de Vide — Marvão — Valencia de Alcantara; Castelo de Vide—Portalegre—Elvas — Badajoz; Castelo de Vide — Rodam — Castelo Branco e Castelo de Vide—Crato—Extremoz.

As estradas para Castelo Branco e Extremoz ligam a Vila com Lisboa.

EXCELENTE REGIÃO DE CAÇA

EXCURSÕES RECOMENDADAS

PROXIMAS

AO CASTELO—Monumento interessante—sôberbo ponto de vista.

A SENHORA DA PENHA—Logar belissimo de peregrinação—Panorama admiravél.

AFASTADAS DA VILA

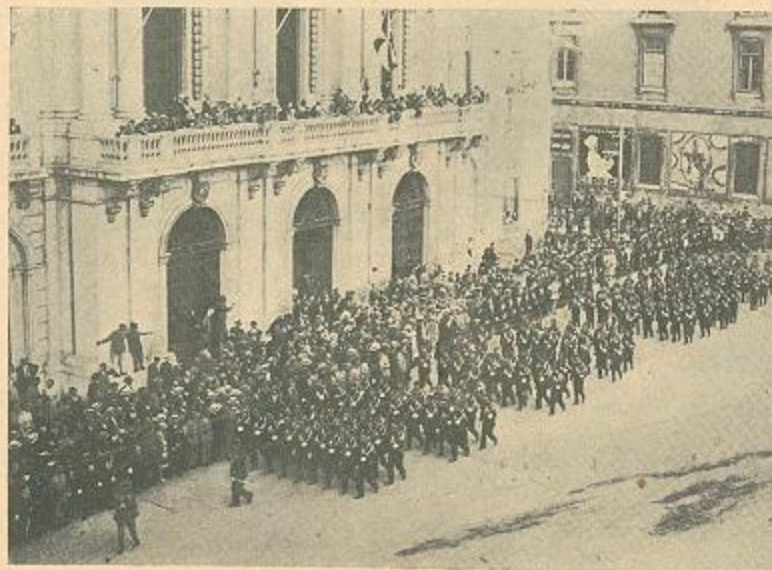
PORTAGEM, MARVÃO, PORTALEGRE —Estradas côm lindos pontos de vista ladeadas de bosques de carvalhos. Sitios magnificos para diversões, pic-nics, etc.

RUA DO ALECRIM, 73, r/c.

LISBOA

UM GRANDE EXITO PORTUGUÊS: O CONCURSO DE TIRO EM SANTANDER

1—A meza da distribuição dos premios, presidida pelo mordomo-mór de El-rei.

2—O adido militar português, tenente coronel Lourenço Pereira (1), com a equipe de Tiro de Portugal, comandante major Pereira Coelho (2), capitão Rebelo (3), tenente medico Antonio Martins (4), tenente Guerra (5), sargentos-ajudantes Dores e Pareira (6 e 7) e 2.º sargento Santos (8).—10 e 11 capitão De Brena e tenente Estevam, oficiais ás ordens do adido e da equipe e major Castro (9), o grande atirador espanhol que ficou 2.º classificado na prova ganha pelo Dr. Antonio Martins e major Calvet que ficou 3.º classificado.

3—CONCURSO DE BALÕES PROMOVIDO PELO AERO-CLUB. Gentis actrizes que promoveram a venda.

4—HOMENAGEM A FERREIRA DO AMARAL. O presidente da Camara Municipal colocando a medalha de gratidão da cidade no peito do comandante da policia, tenente coronel Ferreira do Amaral.

5—A PARADA DA POLICIA CIVICA DE LISBOA. A passagem em frente do Palacio da Camara Municipal.

O DOMINGO ilustrado

PUBLICIDADE

Banco Nacional Ultramarino

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: — LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA: — LISBOA, CAIS DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000,000$00	ESC. 34:000,000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE:—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:

AFRICA OCIDENTAL:—S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda. Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.
AFRICA ORIENTAL:—Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane Moçambique e Ibo.
INDIA:—Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).
CHINA:—Macau.
TIMOR:—Dilly.

FILIAIS NO BRASIL:—Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.
FILIAIS NA EUROPA:—LONDRES 9 Bishopsgate E—PARIS 8 Rue du Helder.
AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS:—New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES DO ESTRANGEIRO

PEÇAM

ESTRELLA

A melhor

das cervejas

Telefone 1094 N.

Telefone 1094 N.

BARROS & SANTOS

RUA DO OURO, 234 A 242

ENORME SORTIDO DE
ARTIGOS DE CAMISARIA
TECIDOS DE ALGODÃO E SEDA
ATOALHADOS, MALAS
E ARTIGOS DE VIAGEM
CHAPELARIA, ETC., ETC.

SALDOS DE FIM DE ESTAÇÃO

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ESTRANGEIRO

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES.

A homenagem a Ferreira do Amaral

Toda a cidade consagrou o prestigioso comandante da Policia Civica, tenente coronel Ferreira do Amaral, numa tocante cerimonia. Na gravura, acompanhando o comandante, o filho do cabo Neves, morto no seu posto, e a quem foi entregue o colar da Torre e Espada. Ao fundo o distinto 2.º comandante, major Rodrigues e outros graduados da Policia.